Humanística e Teologia 14 (1992) 317-333

A Igreja, Mistério de comunhão *

Que alegria quando me disseram:
«Vamos para a casa do Senhor».
Os nossos passos já estão pisando
as tuas portas Jerusalém.

Jerusalém, cidade bem compacta,
Para lá sobem as tribos,
as tribos do Senhor,
segundo o costume de Israel,
para celebrar o nome do Senhor;
nela estão os tribunais da justiça.

Desejai a paz a Jerusalém:
Vivam os que te amam.
Haja paz dentro dos teus muros,
segurança nos teus palácios.

Pelos meus irmãos e amigos,
direi: «a paz esteja contigo».
Pela casa do Senhor nosso Deus,
pedirei: «Haja bem para ti». (*Ps.* 122)

---

* O artigo corresponde, substancialmente, à conferência que o autor proferiu no Congresso Diocesano de Leigos, em Coimbra, em 1-05-92. Conserva, propositadamente, o seu estilo didáctico.

Com a recitação deste Salmo desejo saudar a Igreja de Jesus, viva e peregrina pelas terras de Coimbra, hoje aqui congregada à volta do seu bispo, com a representação do presbitério e do laicado de todas as suas comunidades.

Escolhi este Salmo, de propósito, porque ele exprime maravilhosamente o espírito deste Congresso e introduz-nos no tema da nossa reflexão. É um dos mais célebres e apaixonados «cantos de Sião» e das subidas (peregrinações) a Jerusalém. Exprime uma saudação jubilosa à cidade santa e o entusiasmo, a alegria e a esperança com que era empreendida a peregrinação[1]. Sob a imagem de Jerusalém proporciona-nos um momento de contemplação da Igreja. Por isso podemos transportá-lo para este momento.

Às portas da cidade, o peregrino pára e vê perfilar-se no horizonte a meta ansiada. Num só olhar contempla a grandiosa unidade urbana e fica atónito e estupefacto pelo traçado, pela beleza arquitectónica dos muros, das torres, das ruas e das casas. Mas não se trata do olhar de turista admirado que só vê o exterior. Para além do fascínio estético, o olhar penetrante da fé descobre a beleza interior espiritual da cidade que o faz vibrar de alegria. Ela é o centro da unidade das doze tribos que formam o povo da Aliança; o lugar da celebração do nome do Senhor, experiência única e extraordinária; a morada da presença viva de Deus na história; fonte do direito e da justiça donde o povo sai renovado; a cidade sacramento da paz (felicidade). Deus é o seu fundamento. Por isso, as doze tribos, reunidas na mesma fé, convergem na casa do Senhor; vêm para o louvor e a justiça. O louvor funde as vozes e une os corações; a justiça elimina o mal estar e as divisões. Todos se sentem filhos de Deus para o louvor; todos irmãos para a justiça. No coração, o peregrino traz também todos os amigos e irmãos que não puderam vir.

Quem não vê aqui a imagem deste Congresso eclesial? O Congresso não é apenas uma reunião. É antes de mais um acontecimento de graça, um dom do Espírito de Deus à Sua Igreja.

O Salmo termina:

Pelos meus irmãos e amigos
Direi: «A paz esteja contigo!»
Pela casa do Senhor nosso Deus,
Pedirei: «Haja bem para ti!»

[1] Cf. G. RAVASI, *Il libro dei Salmi. Commento e attualizzazione III*, Bologna 1985, 535-546; L. A. SCHÖCKEL, *Treinta salmos: poesia y oración*, Madrid 1981, 357-361.

«Paz e bem», Igreja de Deus em Coimbra! — são os meus votos, à boa maneira franciscana, para o vosso Congresso. E peçamos ao Senhor o dom de contemplar a beleza do mistério da Igreja.

Na Igreja visível mora um mistério que só é captável pela fé. Acontece como com os vitrais de uma catedral. Só se contemplam de dentro e iluminados pelo sol: a beleza, as cores, o conteúdo, os contornos bem como as deformações só se vêem bem de dentro. Sem o olhar iluminado pela fé, não se descobre a realidade profunda da Igreja. Como diz o Principezinho: «O essencial é invisível aos olhos; só se vê bem com o coração».

Contemplada de fora, a Igreja aparece apenas como um grupo humano com finalidades religiosas e com maior ou menor incidência cultural, social ou política. Mas por este caminho não se chega à sua verdade, ao seu segredo, à sua profundidade, ao seu mistério. Daí o surgir de certas imagens desfocadas ou mesmo deturpadas da Igreja.

IMAGENS DESFOCADAS DA IGREJA

Estas imagens desfocadas dependem muito da imagem que a paróquia dá de si mesma, de certa configuração que a Igreja assumiu na história e da maneira como os grandes meios de comunicação apresentam aspectos e questões da vida da Igreja.

A primeira forma de Igreja que cada um encontra na vida e que quotidianamente experimenta é a da paróquia. O modelo mais comum na mente de muitas pessoas é o da *paróquia-estação ou agência de serviços religiosos*, onde se vai quando se tem necessidade. Assim como se vai ao supermercado comprar o que se deseja, vai-se à Igreja encomendar o baptismo, o casamento, o funeral, etc., ou assistir a determinadas devoções. O padre assume o papel de funcionário do culto e os cristãos o papel de clientes ou consumidores do religioso.

Há depois, e em concomitância, o modelo de *paróquia-empresa ou paróquia-arquipélago* constituída por uma série de obras, associações, grupos, movimentos, confrarias em que cada um vive para si, se ocupa da sua especialidade (repartição), caminhando por linhas paralelas e onde a diversidade prevalece sobre a unidade.

Existe ainda a concepção da *paróquia ilha ou feudo isolado* em que o padre é por vezes o único soberano e onde se ignora a relação de comunhão com o bispo e o presbitério e a harmonia pastoral com o resto da diocese.

Passando do terreno paroquial para o universal, a imagem ou modelo mais desfocado da Igreja, que muitas vezes é transmitido nos meios de comunicação, é o da Igreja como uma grande organização internacional, para-estatal, uma espécie de «internacional religiosa» para a qual se transferem as características e esquemas da sociedade política, com leis próprias, ritos próprios e chefes próprios. A central seria Roma e as dioceses seriam as filiais ou sucursais. Trata-se de uma visão piramidal em que a Igreja é identificada com a hierarquia que tudo manda e a tudo provê e os leigos são apenas súbditos passivos e executantes.

A IGREJA É UM GRANDE MISTÉRIO DE COMUNHÃO

Esta constatação da persistência de imagens ou modelos deformados de Igreja leva-nos a pôr aqui, hoje, as interrogações que interpelam a nossa consciência eclesial, como as que Paulo VI punha à Igreja durante o Concílio Vaticano II: «Igreja quem és tu? Que dizes de ti mesma?». E podemos acrescentar ainda: O que é a Igreja? Quem é Igreja? Porque existe? De que vive? Para que vive? O que é mais importante nela? Donde vem? Para onde vai? No fundo trata-se da questão da sua identidade.

Como pode uma pessoa apresentar-se a outra na sua identidade? Quando alguém quer manifestar a sua identidade, não bastam os dados do B.I.; seriam apenas dados formais e exteriores, não permitiriam entrar no coração da pessoa e da sua vida. Para se identificar de modo existencial e vivo, narra a sua história pessoal, as suas origens, a sua vida, o seu trajecto e os seus projectos, etc. Isto vale para cada homem como para uma instituição. Foi precisamente este o caminho que seguiu o Concílio Vaticano II para responder à questão da identidade da Igreja.

A esta luz, a Igreja recupera o sentido dos seus fundamentos profundos, a verdade plena das suas dimensões, a certeza básica de que é criação de Deus, na sua origem e a cada momento.

Toma consciência profunda de si mesma a partir das suas raízes, das suas origens no mistério de Cristo. Jesus Cristo não tem relativamente à Igreja uma relação de mero fundador de uma

associação na base de umas certas regras. A Igreja não foi fundada a modo de associação ou clube.

Dizer mistério de Cristo é dizer o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo como Amor Trinitário. Ela está pois enraizada no desígnio de Deus de se comunicar aos homens por Jesus Cristo na força do Espírito. A LG a partir do projecto salvífico de Deus narra o surgir da Igreja e os seus traços fundamentais como acontecimento e projecto que Deus realiza através de Cristo e do seu Espírito. E neste sentido apresenta-a antes de mais como um grande mistério de comunhão [2].

No princípio está a Comunhão. Quer dizer, na origem está o Amor Eterno que é o segredo profundo de toda a criação e de toda a história. Um Amor que extravasa para fora de si, se exterioriza e comunica às suas criaturas de eleição — os homens e as mulheres — para fazer com eles uma história de comunhão de vida, comunhão única e singular.

Para isso não nos dá coisas. Dá-se a si mesmo. Em Jesus Cristo, abre-nos o mistério da sua intimidade, do seu Amor, da sua comunhão íntima. Jesus Cristo é a Palavra, feita carne, da ternura infinita de Deus para com a humanidade. É a irrupção da vida divina no meio dos homens, para fazer dentro da história dos homens uma história de Amor eterno. É a Palavra do Amor eterno, por isso mesmo, Evangelho — Boa-Nova — que quer ser dito, narrado em palavras e gestos humanos, para que possa ser contagiado nas obras e nos dias dos homens; quer ser dito e contagiado para suscitar no mundo histórias humildes e quotidianas de amor, de geração em geração, através das gerações.

Este Amor eterno que se comunica aos homens continua vivo e actuante porque Cristo está ressuscitado, está vivo, faz-se contemporâneo a cada homem como companheiro de viagem, continua a contagiar como aos discípulos de Emaús com o calor da Sua Palavra e a força do Seu Espírito.

[2] «A eclesiologia de comunhão é a ideia central e fundamental nos documentos do concílio» (Sínodo Extraordinário dos bispos 1985, *Relação final* in *Il Regno* 1 (1986) 24. Sobre este tema cf. B. FORTE, *La Chiesa, icona della Trinitá. Breve ecclesiologia,* Brescia 1984, 44-60; J. M. R. TILLARD, *Église d'Églises, L'ecclésiologie de communion,* Paris 1987, 13-101; R. BLASQUEZ, *La Iglesia del Concilio Vaticano II,* Salamanca 1988, 27-78; W. KASPER, *Teología y Iglesia,* Barcelona 1989, 376-400; CENTRO STUDI ECUMENICI STRASBURGO, *Communio/Koinonia,* in *Il Regno* 19 (1990), 624-633; CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *La Chiesa come comunione,* in *Il Regno* 13 (1992) 390-394.

A Igreja nasce do acolhimento na fé e na acção de graças deste mistério da comunhão de Deus com os homens. Nasce como comunhão de filhos de Deus Pai no Seu Filho Jesus Cristo e na força do Seu Espírito de amor e como comunhão de irmãos neste mesmo Espírito. É por isso que ela é mistério ou sacramento, quer dizer manifestação e instrumento da comunhão íntima com Deus e da unidade dos homens entre si (LG 1).

É uma comunhão fundada na presença divina em todos, na participação comum de todos na mesma comunhão de Amor trinitário. Não é invenção humana. É obra comum do Pai, do Filho e do Espírito no coração e na história dos homens: «povo reunido (convocado e congregado) pela (a partir de) comunhão do Pai, do Filho e do Espírito» (LG 4).

IMAGENS DE COMUNHÃO

Assim para exprimir e interiorizar este mistério de comunhão, o Novo Testamento usa diversas imagens, visto que uma única imagem não o pode descrever exaustivamente. Entre elas, as mais conhecidas são: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito, típicas da teologia paulina [3].

Povo de Deus — sublinha a iniciativa de Deus de criar na história um povo de homens e mulheres de entre todos os povos, em que todos partilham de um mesmo e único atributo, da mesma cidadania: a dignidade única e ímpar de filhos de Deus e, por conseguinte, a igualdade fundamental comum de todos os membros que é anterior a todas as diferenças e diversidades. Por isso, faz-se parte deste povo pela fé e pelo baptismo. A pertença comum ao Povo de Deus precede toda a distinção de ministérios, carismas e serviços. Todos os cristãos possuem comum dignidade, fundamental igualdade e recíproca necessidade. Todos são corresponsáveis, embora a título e em graus diversos.

Corpo de Cristo — manifesta a Igreja como um Corpo de Comunhão com Cristo e em Cristo, expressa sobretudo na Eucaristia em que todos comungam com o Seu Senhor na Palavra e no Pão.

[3] Estas imagens são particularmente desenvolvidas nos n.os 4, 7, 8 e 9 da *Lumen Gentium*. Cf. A. DOS SANTOS MARTO, *Esperança cristã e futuro do homem. Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II*, Porto 1987, 101-109.

«Porque todos comemos do mesmo pão, embora sendo muitos formamos um só corpo» (*1 Cor* 10,16) na diversidade dos membros. Celebrando a Eucaristia, a Igreja mostra a origem da sua comunhão em Cristo e experimenta-a numa união fraterna visível [4].

Templo do Espírito — revela a Igreja como morada e construção do Espírito. É Ele que faz a ligação íntima e vital com Cristo. O mesmo Espírito derramando o amor de Deus nos corações, cria a união a partir de dentro, a partir do coração. Faz a unidade na diversidade dos dons que suscita.

TRÍPTICO SOBRE A IGREJA

No início do livro dos Actos, S. Lucas ilustra a natureza da Igreja em três grandes quadros — um tríptico — que dizem mais do que se possa exprimir em conceitos [5].

1.º Quadro — A *assembleia em oração no Cenáculo* (sala da ceia) (*Act.* 1, 12-26).

O primeiro quadro apresenta-nos os discípulos reunidos na sala da ceia — o grupo dos apóstolos, referidos pelo nome e a companhia dos fiéis de Jesus, juntamente com Maria — unânimes na oração. Este quadro vivo é o espelho da Igreja como:

— assembleia da nova aliança, celebrada na última ceia, em que Jesus deu vida a uma nova comunidade;

— assembleia em oração — unificada essencialmente a partir da oração, isto é, da abertura comum a Deus;

— não é um grupo amorfo: no meio dos discípulos está o núcleo dos «Doze»;

— comunidade participativa, sob a orientação de Pedro, na escolha de Matias, procurando a obediência à vontade de Deus. Mesmo neste assunto «permanece em oração» e não se transforma em parlamento.

[4] A conaturalidade intrínseca entre Eucaristia e Igreja foi evidenciada pelo notável trabalho de H. DE LUBAC, *Corpus Mysticum. L'eucharistie et l'Eglise au Moyen Âge*, Paris 1949; e relativamente ao Vaticano II por B. FORTE, *La Chiesa nell'Eucaristia. Per una ecclesiologia eucaristica alla luce del Vaticano II*, Napoli [2]1988.

[5] Cf. J. RATZINGER, *Questões sobre a Igreja*, Lisboa 1992, 26-30.

2.º Quadro — A *Igreja na força do Espírito* (*Act.* 2, 1-41).

No acontecimento do Pentecostes encontramos a frescura matinal do primeiro amor-comunhão. Constitui a revelação extraordinária do milagre, da maravilha permanente da comunhão que faz nascer a Igreja como criatura do Espírito de Deus. À confusão das línguas e à divisão da humanidade (simbolizada nos povos), responde uma comunhão nova. A multidão aparece unida pelo vento e fogo, isto é, pela força e pelo calor do mesmo Espírito em cada um. Ele cria unidade na diversidade das línguas e das culturas.

Mas a participação neste acontecimento de salvação, realiza-se através das seguintes mediações:

— o anúncio do desígnio de Deus plenamente revelado e realizado no mistério pascal de Cristo como Senhor e Salvador, feito por Pedro que estava com os onze;

— o acolhimento do anúncio na fé e na conversão;

— a celebração do baptismo e do dom do Espírito;

— a formação da comunidade dos baptizados, agregando-se à célula apostólica, célula mãe da Igreja. O grupo apostólico é parte integrante e essencial da Igreja no seu surgir à luz do dia.

Nesta perspectiva, a Igreja toma a sua forma inicial numa comunhão cujo laço profundo, invisível é o Espírito do Senhor e cujo centro visível é o grupo apostólico que faz a ligação (memorial) histórica com Cristo.

3.º Quadro — A *comunidade fraterna* (*Act.* 2, 42-47; cf. *Act.* 4, 32-35; 5, 12-16). O livro dos Actos dos Apóstolos oferece-nos três sumários sobre a vida comunitária dos primeiros cristãos.

Aqui é-nos apresentada, em síntese, a vivência do mistério de comunhão na vida da comunidade dos crentes. A unidade dos crentes, manifesta-se e alimenta-se em certas formas e estruturas visíveis:

— unidade no ensinamento dos apóstolos: unidade da fé;

— unidade na comunidade fraterna: o amor fraterno, na partilha e solicitude recíproca, particularmente com os pobres;

— unidade na fracção do pão e na oração, como forma de vida na comunhão com Cristo que se nos dá: unidade de culto;

— união ao ministério apostólico (implícita na primeira).

Estes sumários mostram-nos o que é necessário para que a comunidade cristã realize e visibilize a comunhão em Cristo.

O QUE É A COMUNHÃO?

Depois desta visão panorâmica e analítica do mistério da Igreja, podemos agora ver em síntese o que é a Comunhão e quais os seus elementos essenciais. Este conceito precisa de ser bem entendido para não o reduzir a algo de psicológico — afectivo (o calor humano de que todos necessitamos) ou de sociológico (características associativas de grupo).

No sentido bíblico-teológico originário, a palavra comunhão (Koinonia) significa participação *comum*. Designa uma relação baseada na participação e uma realidade partilhada. Assim, no Novo Testamento exprime a *participação comum* em Jesus Cristo [6], no Seu Evangelho [7], na Sua fé [8], na Sua paixão e ressurreição [9], no Seu Espírito [10], na Sua missão [11], na vida nova de Cristo [12], na Eucaristia [13], no amor [14].

A expressão do Credo para designar a Igreja Comunhão — Communio Sanctorum — traduz os elementos ou dimensões essenciais da comunhão eclesial [15]. Ela significa:

— comunhão (participação comum) com Deus em Jesus Cristo pelo Espírito, isto é, a comunhão da vida divina que é a mais profunda;

— comunhão dos dons salvíficos: a Palavra e os sacramentos em que Deus se nos dá;

— comunhão dos fiéis: implica a comunidade, o amor fraterno, o serviço recíproco, a partilha, e, por conseguinte, a participação activa na vida da comunidade que é de todos, onde todos recebemos e damos de tal modo que «o bem de todos torna-se o bem de cada um e o bem de cada um torna-se o bem de todos». «Na Santa Igreja — escreve S. Gregório Magno — cada um é apoio dos outros e os outros são seu apoio» (*ChL* 28). Não se é cristão sozinho, mas uns com os outros e uns para os outros. Inclui a participação e corresponsabilidade de todos.

[6] Cf. 1 Cor. 1, 9; 1 Jo. 1, 3-6; W. KASPER, *La Chiesa e la salvezza del mondo*, in *Il Regno* 3 (1989) 101.
[7] Cf. Fil. 1, 5.
[8] Cf. Ef. 4, 13; Filemon 6.
[9] Cf. Col. 1, 24 ss.; Fil. 3, 10; 2 Cor. 1, 7; Rom. 6, 3 ss.; Ef. 2, 5 ss.
[10] Cf. 2 Cor. 13, 13; Fil. 2, 1.
[11] Cf. 2 Cor. 8, 4.
[12] Cf. 2 Ped. 1, 4.
[13] Cf. 1 Cor. 10, 16-18.
[14] Cf. 2 Cor. 8, 4; 9, 13; Rom. 15, 25.
[15] Cf. W. KASPER, *Teología y Iglesia*, 380-398.

Esta «comunhão dos fiéis» exige, por sua natureza, a reunião, a assembleia dos fiéis. Esta é necessária para a Igreja como tal e para cada cristão, para se realizar como comunhão. A *Igreja não é uma internacional à qual se possa pertencer à distância, por inscrição e pagamento de cotas, nem uma sociedade de televidentes, de teleouvintes ou de teleleitores*. Não há Igreja sem assembleia eucarística. Por isso, a não-frequência eucarística é sinal de quebra ou enfraquecimento da comunhão eclesial.

— Comunhão das Igrejas: das Igrejas locais e das comunidades cristãs unidas pela mesma fé e pelos mesmos dons à volta do ministério apostólico. Uma comunidade fechada em si mesma converte-se numa seita

O MISTÉRIO DA COMUNHÃO NA IGREJA LOCAL

A Igreja de Deus, como mistério de comunhão no meio dos homens, está destinada a expandir-se no impulso da experiência do Pentecostes. Não existe na estratosfera. Surgirá em toda a parte em que a comunhão tomar forma e corpo em homens e mulheres que, pela fé e pelo baptismo, juntos recebem o dom do Espírito, acolhem a Palavra do Evangelho, celebram a Eucaristia, reunidos à volta do ministério apostólico do bispo (com o seu presbitério). Assim a Igreja de Deus torna-se presente, realiza-se e cresce «in loco», em determinado lugar, isto é, em determinado tecido e contexto humano geográfico e cultural. A Igreja-comunhão vive nas Igrejas locais, na totalidade do seu mistério: em Éfeso, em Corinto, em Roma, em Coimbra. É aqui que Cristo nos convoca, reúne na comunhão e envia em missão. É aqui que a comunhão se vive entre pessoas que a própria existência faz próximas.

A unidade da Igreja local encontra a sua expressão mais alta e, ao mesmo tempo, a sua fonte na Eucaristia presidida pelo bispo com o seu presbitério e a participação activa de todos os fiéis. O bispo, como continuador do ministério apostólico é o «princípio e o fundamento da unidade visível» (LG 23) da Igreja local, o «pivot» animador da comunhão da Igreja, na diversidade dos ministérios e carismas.

Todavia, o mistério da comunhão para se tomar mais concreto e incarnado, realiza-se também nas comunidades locais, a que normalmente chamamos paróquias. A paróquia é uma comunidade de fiéis onde se vive e experimenta a alegria da comunhão e da corresponsabilidade. É uma realização da Igreja comunhão: é a Igreja presente no meio das casas dos homens, entre a gente, próxima à vida das pessoas, Igreja na vida quotidiana. Porém não é uma ilha ou um feudo; é uma célula da Igreja diocesana, só encontra a sua plena realização na comunhão com ela (cf. LG26; SC42).

A COMUNHÃO COMO DOM E RESPONSABILIDADE

A comunhão, tal como a entendemos, é um tesouro, uma riqueza comum da qual participam e pela qual são responsáveis todos e cada um dos membros da Igreja. É uma realidade viva e incarnada numa comunidade. É aí que os crentes recebem, acolhem, celebram, vivem, testemunham e transmitem o dom da comunhão divina e humana, com sentido de responsabilidade.

Como realidade viva é-nos dada e frutifica pelo anúncio da Palavra, pela celebração dos sacramentos da graça, pela oração e pela vida em caridade (amor fraterno). E toda a comunidade é responsável pelo seu crescimento e frutificação, na diversidade e complementaridade dos dons, responsabilidades e ministérios. Ela é, simultaneamente, obra de Deus e obra dos homens. Com o dom da comunhão, Deus dá na sua bondade tudo o que é necessário para a sua manutenção, para o seu alimento, para o seu crescimento, para a sua promoção e expansão. O Espírito do Senhor suscita e distribui diversos dons, serviços e ministérios para a edificação e o crescimento da Igreja. Trabalhar corresponsavelmente na Igreja, segundo os dons e ministérios recebidos, é direito e dever de todos. A Igreja não é pois um campo de mortos, nem monopólio de ninguém, mesmo que sejam bispos ou padres.

Neste sentido, S. Paulo compara a Igreja a um corpo com muitos membros. Nem todos desempenham a mesma função. Mas todos são indispensáveis e contribuem para o bem do todo, isto é, da comunidade (cf. *Rom.* 12, 6-8; *1 Cor.* 12, 4-11; 27-28). Esta perspectiva eclesiológica da comunhão afirma que não pode haver na Igreja uns membros que estão no activo e outros meramente passivos. *Põe ponto final ao modelo de uma pastoral de tutoria e assistencial, ao clericalismo*. A fidelidade a esta doutrina requer que passemos de uma Igreja baseada só no clero (faz-tudo) a uma Igreja apoiada na responsabilidade comum de todos os cristãos.

Porém a Igreja de Jesus não é um lugar de aventureiros espontâneos e anárquicos, nem uma espécie de empresa em auto-gestão. Ela tem de permanecer sempre unida a Jesus e em Jesus e conservar-se fiel a Ele. Por isso, entre os ministérios suscitados pelo Espírito dentro da comunidade, S. Paulo fala de um «ministério de presidência ou governo» (*Rom.* 12, 8; *1 Cor.* 12, 28) — o ministério ordenado, ou ministério pastoral daqueles que são colocados à frente do Povo de Deus, da comunidade cristã (o bispo com o colégio de presbíteros) em nome de Jesus para presidir à comunhão dos crentes. É um ministério especial para velar, guardar, promover, guiar esta comunhão em nome e na pessoa de Cristo. Mas como na Igreja tudo é comunhão, *este ministério tem também uma estrutura de comunhão*[16]. Não pode estar fora do conjunto (da comunidade local e da Igreja local), isolado da sinfonia dos dons e carismas que o Espírito Santo suscita. Compete-lhe verificar e coordenar os diferentes dons para a comunhão eclesial autêntica.

A corresponsabilidade não é pois uma partilha de poderes, nem uma confusão de responsabilidades, nem cada um trabalhar por sua conta e risco. É o exercício da responsabilidade própria de cada um. A autoridade de quem tem responsabilidade da presidência, de pastor, é fazer que cada um desempenhe as suas responsabilidades próprias[17]. Tudo isto exige a comunhão dos fiéis leigos com os fiéis pastores e vice-versa. Faz parte do ministério de pastor promover a participação e a corresponsabilidade, se não quer ser pastor de um rebanho de gente desresponsabilizada.

IMPLICAÇÕES PASTORAIS

Cultivar o espírito de comunhão

O tema da comunhão não é um «slogan» de moda teológico. A Comunhão é um modo de ser, viver, relacionar-se e trabalhar em Igreja, de construir comunidade cristã. Por conseguinte com implicações pastorais. Deve configurar um estilo e modelo de pastoral, a partir de dentro. Faz parte da santidade dos cristãos. Por isso, é necessário antes de mais cultivar o espírito de comunhão para construir a comunidade[18].

[16] Cf. J. M. R. TILLARD, *L'Église d'Églises*, 217-224.

[17] Cf. R. COFFY, *L'Église*, Paris 1984, 192-197.

[18] Cf. CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Comunione e Comunità*, in *Il Regno* 19 (1981) 588-590.

De contrário, corremos o risco de começar a construir a casa pelo telhado, antes dos alicerces. Isso implica:

1. *Uma visão de fé*

A fé viva e vivida leva-nos a compreender a «comunhão» dentro do projecto salvífico de Deus, a tomar consciência da nossa fraqueza, a viver numa atitude de conversão individual e comunitária. «Se Deus não constrói a casa, em vão se afadigam os que nela trabalham». Não se trata de uma mera questão de engenharia eclesial, mas de um mistério sempre maior do que nós.

Quando perdemos de vista a grandeza do mistério e nos pomos a considerar a pequenez de uma pessoa, a fragilidade de um grupo, a pobreza deste momento da Igreja ou desta iniciativa, perdemo-nos em pequenas coisas por curteza de vista, vive-se na mesquinhez, perde-se impulso e energias, cai-se na esterilidade por incapacidade de contemplar o infinito mistério de Deus que actua e faz maravilhas através destas realidades pequenas e pobres.

2. *A força do amor*

É ela que alimenta a comunhão e exprime-se na oração de uns pelos outros, na aceitação de todas as pessoas, na fraternidade como lei de encontro e comportamento. É ela que elimina a inveja e as rivalidades entre grupos, entre os movimentos, entre as paróquias, entre os movimentos e as paróquias. E nada há de mais subtil que a soberba e a inveja espiritual, com cobertura religiosa ou mística.

3. *A cultura da comunhão*

Cultivar a comunhão para dar vida a uma comunidade cristã, exige alguns valores humanos que fazem parte da espiritualidade cristã, tais como a aptidão para pensar juntamente com os outros, para partilhar tarefas, para a elaboração comunitária dos projectos pastorais, para a formulação correcta de juízos sobre a realidade concreta, para determinar formas de intervenção da comunidade, para valorizar os recursos de todos. Estas qualidades humanas são uma verdadeira pedagogia da comunhão.

4. ***Vida de comunidade***

Para a vida de comunidade é preliminar a capacidade de escuta e acolhimento, a atenção e abertura ao outro. Neste clima deve nascer e promover-se o conhecimento mútuo e a amizade que é a alegria de viver juntos. Por sua vez, o diálogo é o método e instrumento normal para o crescimento comunitário.

5. ***Assumir a corresponsabilidade como vocação e como espírito de serviço***

A variedade dos dons de cada um é dom de Deus para o serviço dos irmãos. A variedade já indica complementaridade. Cada um é chamado a tomar consciência do seu dom e também do seu limite e a abrir-se à integração no bem da comunidade. Não se trata de andar à procura de privilégio, dos primeiros lugares, de honras, de fama, de dar nas vistas, (mostrar-se)...

Organismos de Comunhão

Para que a comunhão construtora da comunidade se exerça realmente, de modo orgânico e articulado, deve ter expressão em organismos de participação onde se realiza *comunhão de intenções e de projectos pastorais*. Neles se educa a responsabilidade, se compromete na corresponsabilidade, se coordenam as iniciativas e experiências, se programa-se e cria a mentalidade de uma verdadeira comunidade. São o conselho presbiteral, o conselho pastoral paroquial, o conselho pastoral arciprestal, o conselho pastoral diocesano.

Estes órgãos de participação, instituídos aos diversos níveis da vida eclesial, são uma etapa decisiva para dar figura à Igreja-comunhão. De várias partes ouve-se, porém, a lamentação de um certo cansaço nos conselhos pastorais ou então, no pior dos casos, da sua não implementação. A sua ausência é muitas vezes sintoma grave de uma falta de comunhão e participação na comunidade cristã.

As dificuldades de comunicação entre as pessoas, as incertezas sobre o método de trabalho, a ritualidade formal(ista) correm o risco de travar o crescimento destes órgãos.

O que deve animar o trabalho de um conselho pastoral é, antes de mais, a convicção de que a Igreja é como a «casa comum» em que cada um, na primeira pessoa e segundo as suas competências, assume a missão da Igreja. Além disso, é preciso ter bem presente a natureza própria do conselho pastoral que é a *imagem* concreta da comunhão eclesial e *instrumento* de uma comum projectação e decisão pastoral. Isto realiza-se na forma típica de «aconselhar» — com a sensibilidade e competência de leigos — quem tem a responsabilidade de guiar a comunidade cristã acerca das orientações e opções pastorais num determinado momento e num determinado contexto. Acresce ainda que não é possível pensar a acção pastoral sem estabelecer prioridades, objectivos, métodos e verificação.

A natureza do conselho requer a aptidão e a disposição para o trabalho colegial que se caracteriza por uma autêntica atitude (habitus) de comunicação e diálogo. Por exemplo, esta atitude concretiza-se na disposição a escutar as razões dos outros; no contributo para a formação de um consenso que pode não coincidir com o próprio ponto de vista; na capacidade de medir as próprias intervenções no tom e na duração; na capacidade de harmonizar as intervenções com o decorrer da discussão.

À luz destas considerações e da experiência concreta há algumas figuras de conselho pastoral que devem ser superadas: o «conselho-caixa de ressonância» convocado para aprovar decisões já tomadas ou para tratar questões que só dizem respeito ao pároco pessoalmente; o «conselho-academia» dedicado a discussões sobre grandes temas sem referência à situação concreta da paróquia ou diocese; o «conselho pragmático» que se debruça sobre horários e programações de festas, convívios ou peregrinações; o «conselho formativo», quase exclusivamente dedicado à formação espiritual dos seus membros; o «conselho narcisista» voltado só para questões intra-eclesiais e pouco propenso a deixar-se interpelar pelos desafios e problemas do mundo de hoje.

Iniciativas de formação

As implicações práticas da corresponsabilidade não se darão sem iniciativas de formação permanente em ordem a fazer descobrir aos baptizados a sua dignidade e responsabilidade na comunidade eclesial e em ordem a torná-los capazes e competentes para assumirem as suas funções nos diversos campos da pastoral.

Uma formação cristã madura torna-se mais necessária em ordem ao bom funcionamento dos conselhos pastorais a fim de capacitar os seus membros para a compreensão da situação pastoral. É evidente que não se vai para um conselho como para um grupo de

estudo. Vai-se para decidir na base de uma informação séria e documentada que pode ser oferecida por uma comissão ou grupo especialmente encarregado. Todavia, o «conselheiro» precisa de um *certo saber próprio da fé* que dê critérios teológicos e a *virtude do discernimento* da complexidade da vida eclesial. Tal virtude requer, por sua vez, o conhecimento das questões e a capacidade de avaliação dos dados à disposição.

Esta formação cristã — a realizar-se em momento e sede separada dos conselhos — não seria uma oportuna catequese de adultos, segundo as orientações do conselho internacional para a catequese em 1990? O próprio conceito de formação cristã, tal como se afirmou no Sínodo dos Bispos sobre os leigos, leva a unir catequese de adultos e educação para a opção e decisão pastorais [19].

Bem-aventuranças da Igreja-comunhão

Devemos reconhecer que, em muitos campos, por razões diversas, os acessos aos novos caminhos abertos pela redescoberta do mistério da Igreja-comunhão são ainda bem difíceis. A mudança na vida eclesial concreta é tão brusca que hierarquia e laicado experimentam dificuldades em se adaptar ao estilo, ao método e ao ritmo da comunhão, da corresponsabilidade, do diálogo, da cooperação. Não se mudam em pouco tempo hábitos seculares. O tempo porém corre veloz e urge. E, por outro lado, não se pode domar nem permite adiar indefinidamente as (re)soluções. Nas circunstâncias presentes é preciso ter conta as forças disponíveis, mas também as necessidades e os desafios urgentes. Seria uma pena se as esperanças abertas fossem decepcionadas ou estagnassem numa desilusão imerecida. A nossa fé e a nossa confiança têm que passar pelo fogo da provação. Mas a força interior do Espírito far-nos-á triunfar de toda a provação. Não nos convidará Ele a viver esta hora sob o signo da esperança nas bem-aventuranças do Reino? Com este sentido compus oito bem-aventuranças da Igreja-comunhão, segundo os oito capítulos da Lumen Gentium:

Bem-aventurada és tu, Igreja, porque és mistério — sacramento da Comunhão do Amor Eterno na história quotidiana dos homens;

[19] Cf. CONSIGLIO INTERNAZIONALE PER LA CATECHESI, *La catechesi degli adulti*, in *Il Regno* 17 (1990) 525-534 (sobretudo os n.os 32.38.41.42.62); JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici*, n.os 58-60.

Bem-aventurada és tu, Igreja, porque és povo de Deus em que todos participam da comum dignidade, única e ímpar, de filhos de Deus;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua hierarquia, cujo ministério está ao serviço do mistério maior da Comunhão;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pelo teu laicado chamado a viver e irradiar o mistério da Comunhão no coração do mundo;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua vocação universal à santidade multiforme na comunhão eclesial;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pelos teus religiosos(as) chamados a darem testemunho profético e radical do Evangelho da Comunhão;

Bem-aventurada és tu, Igreja peregrina, pelo teu destino eterno na Comunhão plena e gloriosa da Ressurreição;

Bem-aventurada és tu, Igreja, pela tua Mãe, Maria, humilde serva do desígnio divino da Comunhão, memória viva de Cristo na comunidade, Rainha da comunicação na fé, ícone escatológico da Igreja.

ANTÓNIO MARTO